

Os trabalhadores rurais da região da Barragem de Itaparica, no submédio São Francisco, voltaram a reunir-se em Petrolândia, reiterando denúncias de indenizações injustas das propriedades dos agricultores realizadas pela Chesf na área. Participaram da concentração dois mil trabalhadores e representantes de entidades sindicais, religiosos e de defesa dos direitos humanos.

Na abertura da manifestação, o representante do Secretariado Nacional Justiça e Não-Violência, Marcelino Pereira Martins, lembrou que "nem a Chesf, nem o dinheiro, nem os capitalistas são produtores de riquezas. E eles acumulam as riquezas produzidas por nós. Quem produz são os lavradores e os operários". Por não entender as necessidades do povo, a Chesf, de acordo com o religioso, não irá desistir. "Para a Chesf o povo são aqueles que puderam se formar, que frequentaram escolas e que se tornaram engenheiros, etc. Quando forem negociar suas propriedades vão com a cabeça fria, mas exigente. Reafirmamos que podem contar conosco".

Em seguida, alguns agricultores, atingidos pelas desapropriações da Chesf, narraram as experiências que tiveram com a Companhia Hidrelétrica. O trabalhador Otacílio Inácio contou que desde 1973 começou "a ser crucificado pela Chesf". A terra, da qual possui documento, lavouras e casa, foram cobertas pelas águas da represa do Moxotó. Recebeu a indenização de Cr\$ 1.080,00 pela casa. Até hoje, segundo ele, a Chesf não indenizou a terra e as outras benfeitorias. Narrou ainda que, após muita dificuldade, conseguiu construir uma nova casa em outro local da mesma propriedade, que havia escapado da inundação. Depois de tudo isso, a Chesf teria feito nova investida, invadindo o restante de sua propriedade, destruindo sua casa, e benfeitorias, sem qualquer indenização. "Tenho 72 anos de idade e de trabalho destruídos pela Chesf".

Dom José Rodrigues de Sousa, bispo da Diocese de Juazeiro (BA), em nome da CNBB, disse que a Igreja não era contra a barragem de Itaparica, "mas somos contra a maneira como se fez Sobradinho e como se está fazendo Itaparica. Não aceita-



Agricultores mobilizam-se para exigir da Chesf indenização justa

Chesf não indeniza, dizem agricultores

mos ameaças de onde quer que venham. Não aceitamos injustiças, como essas indenizações irrisórias oferecidas pela Chesf. Não queremos que uma só pessoa seja sacrificada pelo progresso".

O bispo de Juazeiro disse que era inaceitável que o lavrador continuasse sendo objeto desses projetos, "mas que possam dizer sua palavra sobre o que atinge profundamente suas vidas". Ironizou também "os doutores da Chesf, Eletrobrás, Codevasf que não têm dificuldade de procurar o bispo para dialogar com ele, mas não querem conversar com o povo. Os grandes têm medo do povo unido e organizado. E é esse povo unido e organizado que vai mudar nossa situação".

O presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), José Francisco da Silva, lembrou a situação de injustiça em que vivem os trabalhadores rurais dos vários Estados do Brasil, quer por causa dos grileiros, quer por causa das barragens e outros projetos governamentais. Alertou os trabalhadores rurais da região de Itaparica que ainda têm chance de se organizarem que o façam em torno dos sindicatos e federações, porque só assim "conseguiremos obter as reivindicações feitas e impedir os desmandos da Chesf".

INCIDENTE

Quando os trabalhadores estavam ultimando os preparativos da concentração, colocando faixas na frente do Sindicato, o delegado de Polícia local, Expedido Leal de Vasconcelos, aos gritos, exigiu a retirada dos cartazes. Diante da recusa dos sindicalistas, o próprio policial arrancou uma das faixas, rasgando-a.

Nesse momento, os advogados Armando Paragassu Filho (Fetag) e Luis Romeu da Fonte, ao defenderem "o direito à livre manifestação dos trabalhadores", interpelaram o delegado, que lhes deu voz de prisão. Na delegacia, já com a ordem de prisão convertida em "convite", contaram os advogados que ficaram surpreendidos outra vez com "as provocações e ameaças do delegado, que chegou ao ponto de mandar recolhê-los 'ao xadrez'". Porém, com a chegada do capitão Juliano Guimarães, a situação foi contornada.